

A Rainha Vasti É Deposta

Ester 1

O primeiro capítulo de Ester monta o palco para todos os demais capítulos. O rei da Pérsia promoveu uma grande festa para os nobres de todo o seu vasto império. A seguir, ele organizou outra festa para os habitantes da cidadela de Susã. Ali, o rei ordenou que a rainha Vasti comparecesse perante os convidados e exibisse a sua beleza. Quando ela se recusou a ir, os sábios do rei o aconselharam a depor Vasti. O rei seguiu o conselho deles e banuiu a rainha de sua presença.

O REI REÚNE OS LÍDERES PARA UM BANQUETE DE SEIS MESES (1:1-4)

¹Nos dias de Assuero, o Assuero que reinou, desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias, ²naqueles dias, assentando-se o rei Assuero no trono do seu reino, que está na cidadela de Susã, ³no terceiro ano de seu reinado, deu um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, no qual se representou o escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes das províncias estavam perante ele. ⁴Então, mostrou as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, por cento e oitenta dias.

A história começa com um parágrafo que identifica o rei em torno do qual o enredo se desenvolve.

Versículos 1 e 2. A locução que inicia o texto na tradução em português, **nos dias de**, omite a primeira palavra do texto hebraico, **וַיְהִי** (*wayehi*), que significa literalmente “e aconteceu que”. No Antigo Testamento, esse vocábulo é frequentemente usado no início de um livro. Segundo Carey A. Moore, a expressão pode ser “entendida como uma fórmula convencional de abertura que estabelece o cenário

para o leitor, tal como faz a nossa expressão ‘era uma vez’, nas histórias infantis”¹.

O rei do Império Persa era **Assuero**, mais conhecido por seu nome grego, “Xerxes”. Ele é o mesmo rei mencionado em Esdras 4:6. Considerando que o escritor do Livro de Ester especificou a qual Assuero ele se referia, parece evidente que ele conhecia os outros reis designados pelo mesmo nome.

Tomando-se por base provas históricas e linguísticas, esse rei é identificado precisamente como Xerxes I, o quarto imperador da Pérsia (486–465 a.C.). “Assuero” é a tradução hebraica do título persa *Khshayarsha*, que significa “homem poderoso”, e esse título foi usado pelo rei em suas inscrições monumentais. O domínio de Xerxes I se estendia “da Índia às fronteiras do Egito... e da costa Iônica ao deserto da Arábia”². Isto se harmoniza com o Assuero bíblico que reinou **desde a Índia até a Etiópia** (ou Cuxe). Uma das capitais de Xerxes era Susã, ao passo que, segundo o versículo 2, **o trono do seu reino ficava na cidadela de Susã**, na Pérsia. As outras três capitais eram Persépolis, Ecbatana e Babilônia.

O Império Persa se dividia entre vinte a trinta satrapias³. As **cento e vinte e oito províncias** mencionadas aqui e mais adiante no livro (8:9; 9:30) eram entidades geográficas e étnicas menores. Por exemplo, Judá era uma província dentro de uma satrapia

¹Carey A. Moore, *Esther*, The Anchor Bible, vol. 7B. Nova York: Doubleday & Co., 1971, p. 3.

²Sidnie White Crawford, “Esther” em *The New Interpreter’s Bible*, ed. Leander E. Keck. Nashville: Abingdon Press, 1999, vol. 3, p. 878.

³Heródoto, *Histórias* 3.89–94; veja Roy E. Hayden, “Satrap” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, vol. 4, p. 345.

maior conhecida como “aquém do Eufrates”⁴.

Versículos 3 e 4. Segundo o texto, Assuero deu **um banquete** aos líderes de seu reino da **Pérsia** e da **Média**. “Pérsia e Média” inverte a ordem já conhecida no Livro de Daniel (Daniel 5:28; 6:8, 12, 15; 8:20). Acredita-se que as duas nações estavam racialmente ligadas. Os medos dominaram até 550 a.C., quando Ciro e os persas subiram ao poder⁵.

O “banquete” é datado **no terceiro ano de seu reinado**. Visto que Xerxes governou de 486 a 465 a.C., os fatos narrados neste capítulo ocorreram por volta de 483 a.C. O Livro de Ester não fornece uma razão para a longa duração do banquete. O propósito da ocasião talvez fosse planejar a futura campanha contra os gregos⁶. O pai de Xerxes, Dario I, havia tentado conquistas a Grécia, sendo, porém, derrotado em Maratona, em 490 a.C. Pretendendo ter êxito onde Dario fracassou, Xerxes passou metade de um ano (**cento e oitenta dias**) recebendo líderes de todo o império, em busca do apoio deles para o que ele esperava ser a conquista da Grécia.

O texto revela que o objetivo do rei era exibir suas riquezas a fim de impressionar seus convidados com **as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza**. Isto não satisfaria apenas sua ânsia por fama e bajulação, mas também poderia incentivar quem estivesse receoso entre seus convidados, estimulando-os a unir-se aos persas na invasão da Grécia. Além disso, poderia pressionar quem estivesse relutante em se unir a Xerxes mediante os perigos inerentes em se contradizer um monarca tão poderoso.

O REI OFERECE UMA FESTA DE SETE DIAS À CIDADELA DE SUSÃ (1:5–9)

⁵Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo que se achava na cidadela de Susã, tanto para os maiores como para os menores, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real. ⁶Havia tecido branco, linho fino e estofas de púrpura atados com cordões de linho e de púrpura a argolas de prata e a colunas de alabastro. A armação dos leitos era de ouro e de prata, sobre um pavimento de pórfiro, de mármore, de

⁴Veja Esdras 4:10, 11, 16, 17, 20; 5:3, 6; 6:6, 8, 13; 7:25; 8:36; Neemias 2:7, 9; 3:7.

⁵Joyce G. Baldwin, *Esther*, The Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1984, p. 57.

⁶Veja Heródoto, *Histórias* 7.20.

alabastro e de pedras preciosas. ⁷Dava-se-lhes de beber em vasos de ouro, vasos de várias espécies, e havia muito vinho real, graças à generosidade do rei. ⁸Bebiam sem constrangimento, como estava prescrito, pois o rei havia ordenado a todos os oficiais da sua casa que fizessem segundo a vontade de cada um. ⁹Também a rainha Vasti deu um banquete às mulheres na casa real do rei Assuero.

O rei concluiu seus seis meses de festividade oferecendo uma festa de sete dias.

Versículos 5. Evidentemente, todos os habitantes da **cidadela de Susã** – dos **maiores** aos **menores** – compareceram ao banquete, realizado **no pátio do jardim do palácio real**. Este evento se diferencia do anterior no que diz respeito aos convidados e a quanto cada um poderia beber. O banquete durou uma semana.

Versículos 6 e 7a. O autor descreveu com detalhes o cenário desse evento. Ele descreveu a decoração nas paredes e nas **colunas de alabastro** do jardim (os **cordões**), a mobília sofisticada sobre a qual os convidados se reclinaram para comer, o lindo piso mosaico **de pórfiro, mármore, alabastro e pedras preciosas** “no pátio do jardim do palácio real” e os valiosos **vasos de ouro** de onde os convidados bebiam vinho. O propósito desses detalhes certamente era ilustrar a magnitude do Império Persa e impressionar o leitor com o fato de que, por mais grandioso que fosse aquele império, Deus ainda estava no controle.

Esses detalhes, além de outros (como os nomes citados no resto do capítulo), dão sustentação à autenticidade da história. Quem iria (ou se importaria em) inventar esses detalhes? Aqueles que veem o livro como uma obra de ficção argumentam que esses nomes e outros detalhes foram simplesmente inventados pelo autor para tornar a história plausível, porém não existem provas válidas dessa opinião.

Versículos 7b e 8. Conforme ordenara o rei, cada pessoa presente podia beber o quanto quisesse. O vinho era oferecido pela **generosidade do rei** ou literalmente por sua “mão”, o que sugere que ele era tanto bom como abundante. Os persas eram conhecidos pelo excessivo consumo de bebidas em tais ocasiões⁷. Flávio Josefo disse que era costume os convidados serem servidos continuamente de vinho; assim, normalmente, eram compelidos a be-

⁷Xenofon, *Cirópedia* 8.8.9–10; Heródoto, *Histórias* 1.133.

ber⁸. Talvez fosse solicitado que os convidados bebessem toda vez que o rei bebesse. Contudo, nessa ocasião, o rei dispensou o costume usual – qualquer que fosse – e instruiu os que estavam servindo as bebidas a deixarem todos beber **segundo a vontade de cada um**. A palavra **prescrito** não é usada aqui para a lei imutável dos medos e persas; mas para o decreto do rei relativo a esse banquete. Visto que o rei era supremo, sua decisão de suspender o costume ainda tinha o efeito de lei⁹.

Versículo 9. Ao mesmo tempo, a **rainha Vasti** entreteve as mulheres oferecendo seu próprio **banquete**. Os homens e as mulheres nem sempre se dividiam em festas persas (5:4)¹⁰, mas, nessa ocasião, a rainha ofereceu sua própria celebração.

O PEDIDO PECAMINOSO DO REI À SUA RAINHA É RECUSADO (1:10–12)

¹⁰Ao sétimo dia, estando já o coração do rei alegre do vinho, mandou a Meumã, Bizta, Harbona, Bigtá, Abagta, Zetar e Carcas, os sete eunucos que serviam na presença do rei Assuero, ¹¹que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a formosura dela, pois era em extremo formosa. ¹²Porém a rainha Vasti recusou vir por intermédio dos eunucos, segundo a palavra do rei; pelo que o rei muito se enfureceu e se inflamou de ira.

O rei Assuero ordenou que a rainha comparecesse ao banquete dele e exibisse a sua beleza, porém ela o recusou.

Versículos 10 a 12. O rei queria que seus convidados vissem como ele era rico e poderoso. No intuito de impressionar os convivas com a sua grandeza, ele decidiu exibir sua **formosa** rainha; então, **mandou... sete eunucos** trazerem Vasti perante ele a fim de **mostrar a formosura dela** aos homens que participavam do seu banquete (1:11). No entanto, ela mandou dizer ao rei que não iria. O rei **muito se enfureceu com** a recusa da esposa **e se inflamou de ira** (1:12). A reação dele é compreensível: diante de uma multidão de homens poderosos a quem ele estava tentando impressionar com sua majestade, o governante que controlava o mundo não podia controlar a própria esposa.

⁸Flávio Josefo, *Antiguidades* 11.6.1.

⁹Baldwin, pp. 58–59.

¹⁰Heródoto, *Histórias* 5.18.

A história é clara, mas muitos detalhes são deixados de fora. O texto não responde, pelo menos, a duas perguntas: 1) “O rei mandou chamar Vasti ou pediu que ela se mostrasse àquela multidão de bêbados?” O autor não tinha como propósito emitir julgamentos morais sobre as personagens da narrativa. A afirmação de que o rei mandou chamar Vasti quando [seu] **coração... já** estava **alegre do vinho** (1:10) é simplesmente uma forma de se dizer “quando ele estava bêbado”.

A segunda pergunta que surge é: “A rainha deveria ser elogiada ou condenada por recusar mostrar-se ao comando do rei?” Ninguém sabe por que Vasti não obedeceu à ordem de seu marido. Assim como Assuero tem sido censurado por sua atitude dominadora, Vasti em sido elogiada por recusar esse pedido irracional¹¹. Geralmente se atribui a recusa de Vasti à sua modéstia. Alguns rabinos judeus já acreditaram que o rei só ordenara que Vasti se apresentasse usando a **coroa real** – e nada mais!¹² Alguns sugeriram que comparecer perante uma multidão sem um véu seria uma ofensa ao senso de propriedade da rainha. Outro palpite é que ela estaria grávida e preferiu não aparecer em público nesse estado¹³. Uma última ideia é que essas apresentações fossem feitas tipicamente por concubinas, e que a rainha entendeu que tal exigência estivesse abaixo de sua posição e dignidade¹⁴. Independentemente dos motivos da rainha, no que diz respeito ao rei e seus conselheiros, tal recusa significava uma inadmissível desobediência ao marido!

¹¹Foy L. Smith descreveu-a como “uma rainha nobre que disse ‘Não’” (Foy L. Smith, *“Beautiful Star”: A Study of the Book of Esther*. Riverside, Calif.: Foy L. Smith Publications, s.d., p. 13). Outros, porém, não são tão positivos quanto à recusa de Vasti. Michael V. Fox disse que “alguns intérpretes judeus da antiguidade acreditavam que o autor de Ester... olhava para Vasti com hostilidade, já que eles mesmos o faziam”. Atribuíram a recusa, por exemplo, a vergonha e não a motivos superiores. (Michael V. Fox, *Character and Ideology in the Book of Esther*, 2a. ed. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2001, pp. 164–65.) Alguns intérpretes mais modernos indicaram que a recusa de Vasti teria sido um “mero capricho” (Lewis Bayles Paton, *The Book of Esther*, The International Critical Commentary. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1908, p. 150).

¹²*Esther Rabbah* 3.13; Talmude *Megillah* 12b.

¹³James Burton Coffman e Thelma B. Coffman, *Commentary on Ezra, Nehemiah and Esther*. Abilene, Tex.: ACU Press, 1993, p. 256. Amestris (que poderia ser Vasti) deu à luz Artaxerxes I em 483 a.C.; o qual se tornou imperador por volta de 465 a.C.

¹⁴Anthony Tomasino, “Esther” em *Zondervan Illustrated Bible Background Commentary*, vol. 3, 1 & 2 Kings, 1 & 2 Chronicles, Ezra, Nehemiah, Esther, ed. John H. Walton. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2009, p. 479.

Pode ser útil aos leitores de hoje colocar o que aconteceu em perspectiva, se nos lembrarmos de que a rainha também estava sendo anfitriã de um banquete. Podemos imaginar Vasti servindo como mestre de cerimônia em sua própria festa, quando sete mensageiros do rei invadiram o espaço e ordenaram que ela os seguisse até o banquete do rei. Vasti pode, muito bem, ter recusado ir por considerar a ordem do rei inoportuna e presunçosa.

O REI DEPÕE A RAINHA (1:13–22)

Um Plano se Faz Necessário (1:13–15)

¹³Então, o rei consultou os sábios que entendiam dos tempos (porque assim se tratavam os interesses do rei na presença de todos os que sabiam a lei e o direito; ¹⁴e os mais chegados a ele eram: Carsena, Setar, Admata, Társis, Meres, Marsena e Memucã, os sete príncipes dos persas e dos medos, que se avistavam pessoalmente com o rei e se assentavam como principais no reino) ¹⁵sobre o que se devia fazer, segundo a lei, à rainha Vasti, por não haver ela cumprido o mandado do rei Assuero, por intermédio dos eunucos.

O enfurecido rei consultou seus sábios para decidir o que fazer em relação à desobediência de Vasti.

Versículos 13 e 14. O rei tinha sete príncipes que compunham sua equipe de conselheiros mais íntimos (veja Esdras 7:14). Aqui esses homens são discriminados como **sábios que entendiam dos tempos e sabiam a lei e o direito**. Esses homens eram **os mais chegados ao rei e se avistavam pessoalmente com o rei** (literalmente, “viam a face do rei”).

Versículo 15. Como é evidente em todo o livro, esse rei geralmente buscava e seguia os conselhos de outros. Ele perguntou aos sete conselheiros **o que se devia fazer... à rainha Vasti** por sua desobediência.

Um Plano É Proposto (1:16–20)

¹⁶Então, disse Memucã na presença do rei e dos príncipes: **A rainha Vasti não somente ofendeu ao rei, mas também a todos os príncipes e a todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero.** ¹⁷Porque a notícia do que fez a rainha chegará a todas as mulheres, de modo que

desprezarão a seu marido, quando ouvirem dizer: Mandou o rei Assuero que introduzissem à sua presença a rainha Vasti, porém ela não foi. ¹⁸Hoje mesmo, as princesas da Pérsia e da Média, ao ouvirem o que fez a rainha, dirão o mesmo a todos os príncipes do rei; e haverá daí muito desprezo e indignação. ¹⁹Se bem parecer ao rei, promulgue de sua parte um edito real, e que se inscreva nas leis dos persas e dos medos e não se revogue, que Vasti não entre jamais na presença do rei Assuero; e o rei dê o reino dela a outra que seja melhor do que ela. ²⁰Quando for ouvido o mandado, que o rei decretar em todo o seu reino, vasto que é, todas as mulheres darão honra a seu marido, tanto ao mais importante como ao menos importante.

Versículo 16. Mecumã, um dos sete príncipes (1:14), respondeu recomendando que o rei depusesse a rainha Vasti. Ele disse que o comportamento dela não somente ofendeu o rei, mas também a todos os príncipes e a todos os povos de suas províncias.

Versículos 17 e 18. A preocupação que ele expressou era que a notícia da conduta da rainha perante o rei chegaria a todas as mulheres do reino e estas se tornariam desobedientes. Ele previu que as mulheres tratariam seus maridos com **desprezo** e usariam o comportamento de Vasti como um precedente e argumento para a impertinência delas. Esse desrespeito faria seus maridos reagirem com **indignação**.

Versículo 19. Sendo assim, disse Memucã, o rei deve emitir um veredito alegando que Vasti jamais **entre na presença do rei** novamente; e a **posição** ou reino dela será dada a **outra que seja melhor do que ela**. A palavra vertida por “outra” (רֵעוּתָהּ, *re'uth*) significa literalmente sua “companheira” ou “vizinha”. Refere-se a outra mulher do harém real.

As condições impostas na expulsão de Vasti devem ser salientadas: ela não poderia entrar nunca mais na “presença” do rei e sua posição seria dada a “outra”. Nenhum desses pronunciamentos indica que ela deveria ser retirada do harém do rei. O mais provável é que ela já não ocuparia mais a posição de principal rainha do rei, sua esposa número um, embora continuasse a residir na casa dele com as demais esposas.

Esse **edito**, assim como outras **leis** dos persas e medos, jamais poderia ser alterado ou revogado. A declaração sobre a imutabilidade das leis dos medos e persas é coerente com Daniel 6:8, 12 e 15 e

prepara o leitor para os acontecimentos narrados no fim desta história (8:8).

Versículo 20. O resultado do edito do rei, disse Memucã, seria que **todas as mulheres dariam honra a seu marido**. Isso ocorreria independentemente da posição dos homens, fossem eles grandes ou pequenos¹⁵.

Eram os temores de Memucã justificáveis? Certamente, a recusa de Vasti em obedecer ao rei poderia virar notícia. Os nobres da Pérsia talvez temessem que suas esposas também se rebelassem contra o controle autoritário deles. Sendo ou não realista, o raciocínio de Memucã para alguém que vive no século XXI, é compreensível que seus ovinos levassem a sério a ameaça desse comportamento à sua virilidade¹⁶.

A visão do domínio masculino expresso na proposta de Memucã viola os ideais modernos bem como os padrões bíblicos (especialmente quando comparado ao ensino do Novo Testamento sobre a relação de um homem e uma mulher). Todavia, o primeiro requisito para a exegese é entender a história em seu próprio contexto. Julgado pelos padrões do Império Persa no século V a.C., o conselho de Memucã era razoável.

Outros veem o conselho de Memucã e a aceitação do rei de modo diferente. Rabinos da antiguidade diziam que as ações de Xerxes foram “totalmente insanas” e que “ele mesmo foi motivo para riso” ao emitir esse decreto¹⁷. Esses palpites parecem se basear em duas suposições: 1) O rei reagiu de forma exagerada a uma desconsideração imaginada. Parece ridículo aos intérpretes que o comportamento de Vasti fosse a causa da promulgação de uma lei inalterável aplicável a todas as famílias do reino. 2) A solução para esse problema foi tola e difícil de se impor. Como o rei faria vigorar uma lei que se

¹⁵A mesma linguagem aparece em 1:5: “do maior ao menor”.

¹⁶Diferentemente de muitos comentaristas, Winters avaliou como bom o conselho de Memucã: “Embora geralmente criticado pelos comentaristas, o raciocínio dos conselheiros do rei, entretanto, reflete uma boa dose de sabedoria: os que estavam em posição de autoridade e liderança exerciam tremenda influência com seus exemplos” (Winters, p. 164).

¹⁷*Esther Rabbah* 4.12.

aplicava ao relacionamento pessoal entre maridos e esposas?

Uma Promulgação É Emitida (1:21, 22)

²¹O conselho pareceu bem tanto ao rei como aos príncipes; e fez o rei segundo a palavra de Memucã. ²²Então, enviou cartas a todas as províncias do rei, a cada província segundo o seu modo de escrever e a cada povo segundo a sua língua: que cada homem fosse senhor em sua casa, e que se falasse a língua do seu povo.

Versículos 21 e 22. Aos homens de Susã em 483 a.C., a ação do rei deve ter parecido não só razoável, mas até essencial. Assuero e seus príncipes concordaram com o conselho de Memucã. Emitiu-se um edito no nome do rei, e este foi distribuído a **todas as províncias** do reino. O decreto do rei exigia que **cada homem fosse senhor em sua casa**. Consequentemente, seria contrário à lei que uma esposa desobedecesse ao marido, como fez Vasti com Assuero.

O significado de **que se falasse a língua do seu povo** é incerto. As seguintes interpretações tem sido comuns: 1) um homem deveria falar sua língua nativa dentro do seu lar, especialmente se a sua esposa for estrangeira ou 2) o decreto do rei deveria ser promulgado na língua nativa de cada grupo de pessoas. A LXX diz “a fim de que os homens sejam temidos em suas próprias casas”¹⁸.

Ao fim do capítulo, o poderoso rei Assuero parece uma figura um tanto lastimosa. O comentarista Moore falou da “fascinante figura de Xerxes, o rei poderoso, dominado pelo vinho, desprezado pela rainha e mal aconselhado por seus amigos. Xerxes está desesperadamente carente de uma boa consorte”¹⁹. Essa necessidade seria suprida no próximo capítulo.

¹⁸Adaptado de F. B. Huey Jr., “Esther” em *The Expositor’s Bible Commentary*, vol. 4, *1 Kings—Job*, ed. Frank E. Gaebelain. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1988, p. 803.

¹⁹Moore, p. 14.